Boatos na vida do Padre Ibiapina

Padre Ernando Luiz Teixeira de Carvalho*

Boato é uma história ou notícia que se divulga sobre alguém ou algo sem que se confirme sua procedência ou veracidade. Trata-se de uma notícia sem fundamento, mas com características que sugerem verdade, com aspecto de fato verídico. Boatos criam expectativas e ilusões, alteram o sobe e desce das bolsas de valores, destituem clérigos de suas ordens e funções, elegem ou derrotam políticos, mandam inocentes para a cadeia e podem absolver assassinos, promovem intrigas de família e mesmo guerras entre nações, aproximam, distanciam e até matam as pessoas. Quanto mais o boato se parecer com o fato, mais tem chance de permanecer no tempo como se fato fosse.

O Padre Ibiapina foi alvo de vários boatos. Sobre sua morte, por exemplo, ao menos em três ocasiões, o boato foi divulgado e pranteado como acontecimento de fato. Um desses apareceu no jornal "A Constituição", de Fortaleza, em março de 1864, com lamentos e elogios "póstumos" ao missionário[1]. No mesmo mês e ano, a notícia chegou ao jornal "A Cruz", do Rio de Janeiro (06.03.1864), que retificou sua publicação logo no início de maio, a partir de cartas de Limoeiro afirmando que o Padre estava vivo e em missão[2].

* Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - IHGP

[1] Jornal "A Constituição", Ceará, 10 de março de 1864, n.24. p. 3. O "Gravatá" citado deve ser a povoação de Gravatá, no interior de Pernambuco e não da Paraíba. A notícia/boato encontra-se também em outros jornais como em "A Liberdade", de 05.03.1864, e no "Pedro II", todos do Ceará.

[2] Jornal "A Cruz" (RJ), 01 de maio de 1864, p. 04. "A Cruz" circulava também em MT, PE e PI.

Anos depois, pelo mês de outubro de 1870, circulou na região do Cariri cearense outro boato de morte, desta vez por assassinato, quando Ibiapina pregava missões no interior de Pernambuco. A descrição em detalhes, inclusive desfazendo a má notícia, encontra-se no jornal "A Voz da Religião no Cariri", do Crato[3].

Outro anúncio de sua morte apareceu em "A Província", do Recife, em 15 de fevereiro de 1876, pouco mais de um mês que Ibiapina tinha deixado Triunfo-PE, gravemente enfermo, com destino a Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba. "A Provincia" reproduzia a nota que tinha saído no jornal "O Cearense", na edição de 02.02.1876, afirmando ter recebido a notícia através de cartas enviadas da cidade do Crato[4]. Um mês depois dessa edição, o mesmo "A Província" publicou uma nota, vinda de um leitor de Triunfo, afirmando que Ibiapina estava gravemente doente, mas ainda vivo[5]. Comentando o noticiário de 1876, diz Paulino Nogueira que "Ibiapina teve a rara ventura de ser contemporâneo da posteridade. Em vida pôde saber que juízo mereceria dos vindouros..."[6] Na época, ele mesmo escreveu artigo, publicado no jornal "A Constituição", lamentando a suposta morte do missionário em Pernambuco, na Baixa Verde[7].

Depois desse último boato, Padre Ibiapina ainda viveu sete anos na Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara-PB, paralítico, sem mais poder pegar a estrada e missionar com o povo em mutirão. Em viagem definitiva, partiu para a eternidade no dia 19 de fevereiro de 1883.

Todo esse preâmbulo, relatando boatos de morte, tem a finalidade de nos levar a outro sobre a vida do Padre Mestre: um boato especial, descrito e "sacramentado" pelo Dr. Paulino Nogueira na biografia "O Padre Ibiapina", publicada em 1888, na Revista do Instituto do Ceará --- RIC. Um boato que tem sido repetido por diversos autores, sem qualquer questionamento, interrogação ou desconfiança crítica. Um boato de vida longa que permanece, solto e fagueiro, até os dias atuais.

---

[3] "A Voz da Religião no Cariri", 16 de Outubro de 1870, p.2.

[4] "A Província", Recife, 15 de fevereiro de 1876, p.1. Semelhante transcrição do jornal "O Cearense", encontra-se em "O Diário de Pernambuco", de 14 de fevereiro do mesmo ano.

[5] "A Província", Recife, 16 de março de 1876, pp. 1-2. Também "O Cearense" de 25 de março, desdizendo a primeira notícia, afirma que o padre Ibiapina, "graças aos cuidados empregados, conseguiu restabelecer-se".

[6] Nogueira, Paulino. "Padre Ibiapina", RIC, 1888, p.217.

[7] Idem, p.217, nota 70. Publicação no jornal "A Constituição", Ceará, n.14, de 4 de fevereiro de 1876.

Dois textos e seus autores

Trazemos ao leitor dois textos publicados em 1888 sobre o Padre Ibiapina, o de Paulino Nogueira e o de José Marrocos. O primeiro, quase todos conhecem. Já o segundo, é de grande novidade.

1. Um ajuste de casamento

Vejamos o trecho da biografia do Padre Mestre, de Paulino Nogueira[8], onde é afirmado que houve na vida de Ibiapina, no tempo de sua juventude, um ajuste de casamento que resultou desfeito pelo rapto da noiva por outro pretendente. Segue o relato:

"Encerradas as camaras, Ibiapina dirigio-se à Província, onde trazia-n'o principalmente o cumprimento de dous deveres: casar-se e assumir o exercicio da sua comarca: mas em ambos foi bem mal succedido.

Havia ajustado casamento com D. Carolina Clarense de Alencar Araripe, filha mais velha do desventurado Presidente da malfadada Republica do Equador, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, irmão do senador Alencar, Presidente da Província; mas ao chegar à esta Capital soube que a noiva, preferindo um parente, eleito do seu coração, fora por elle raptada e com elle casara-se[9].

Essa contrariedade teria causado forte abalo ao seu espírito? Nunca o demonstrou senão pela resolução calma e silenciosa de jamais fallar em casamento.

Assim acontece com as almas nobremente ressentidas por uma decepção amorosa. A mulher que se deseja poetisa-se angelicamente; a que se possue adora-se humanamente; a que porem se amou e que se perdeu volta em espírito à poesia da saudade até que a imagem chorada se esbate e evola nas profundezas do nada.

Ibiapina não foi um Eurico[10], porque não teve a desventura de merecer o desamor de uma Ermengarda; mas quem sabe si a resolução que mais tarde tomou de ser presbytero não foi buscar sua origem nessa contrariedade reprimida?

Tendo sido infeliz no cumprimento do primeiro dever, tratou de cumprir o outro[11]".

---

[8] Nogueira, Paulino. RIC, art. cit., pp.173-174. Texto completo da biografia: pp. 157-220.

[9] O casamento de Carolina com seu primo Antonio Sucupira realizou-se no dia 30 de novembro de 1833, em Fortaleza, segundo registro da paróquia onde aconteceu a cerimônia. Cf. Araújo, F. Sadoc. **Padre Ibiapina, peregrino da Caridade**. São Paulo: Paulinas, 1996, p.148.

[10] **Eurico, o Presbítero** é um romance histórico de Alexandre Herculano, escritor português, datado de 1844. Nenhuma aproximação ou semelhança existe entre Eurico e Ibiapina, mas Paulino Nogueira tem prazer em citar clássicos da literatura!

[11] O outro dever: a posse como Juiz na comarca de Quixeramobim que aconteceu aos 10 de dezembro de 1834. O casamento de Carolina Clarence, como já foi dito, realizou-se mais de um

Nogueira não teve contato direto com Ibiapina, mas deixou registrado tê-lo visto, ao menos uma vez, em fins de 1863, quando viajaram do Ceará para Recife, no mesmo navio da Companhia Pernambucana. Diz ele: "... voltando nessa ocasião, depois das férias, a prosseguir nos meus estudos, senti grande prazer quando eu soube que tínhamos por companheiro de viagem um patrício tão distinto, um varão respeitável, que eu ambicionava conhecer pessoalmente. Vi-o uma só vez e de relance ao entrar no seu beliche, donde só saiu para desembarcar no Recife, depois de mim. Foi agradável a impressão..."[12]. O autor não conheceu Ibiapina pessoalmente.

Paulino Nogueira Borges da Fonseca nasceu em Fortaleza, aos 27 de fevereiro de 1842. Terminou Direito pela Faculdade do Recife, em 1865. Ao longo da vida atuou na área da educação, na política, no exercício da advocacia e, por duas vezes, assumiu o cargo de Provedor da Santa Casa de Misericórdia (1888 e 1906). Foi um dos fundadores e primeiro presidente do Instituto do Ceará, criado em 4 de março de 1887. Já na era republicana, em 1892, aceitou a nomeação para o cargo de Desembargador do Tribunal do Estado. Em 1903, com a instalação do curso de Direito do Ceará, exerceu a função de professor de direito criminal. Publicou importantes trabalhos de pesquisa histórica, quase todos na Revista do Instituto que ele mesmo ajudou a criar e presidiu. Faleceu, em Fortaleza, aos 15 de junho de 1908[13].

2. A revelação de Ibiapina

O texto que segue, da autoria de José Joaquim Teles Marrocos[14], é uma correção ao que escreveu Paulino Nogueira. Pela íntima revelação do próprio Ibiapina, o tal ajuste de casamento nunca existiu, tudo não passando de invenção ou boato do povo. Eis o artigo, na íntegra:

ano antes dessa posse. Pelas datas, os dois fatos não podem ser considerados ao mesmo tempo!

[12] Nogueira, Paulino. RIC, art. cit., p.216.

[13] Fonte: Dicionário Bio-bibliográfico Cearense – Barão de Studart.

[14] Trata-se do artigo **Padre Ibiapina** publicado no jornal "VANGUARDA", Crato, ano II, n.39, 18/11/1888, Ed. 30, p. 02.

"PADRE IBIAPINA

"Sobre o nome venerando do imortal Sacerdote e Apostolo acaba de publicar o nosso ilustrado patrício Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca um trabalho notável e digno de apreço, como tudo o que sai de sua pena erudita, incansável e sempre fecunda. PADRE IBIAPINA

Só temos palmas e louros a tributar ao historiador, que veio enriquecer a nossa história e a nossa literatura pátria com as primeiras notas sobre a vida do maior homem do seu tempo.

Um ponto, único talvez, precisa porém ser corrigido e retificado por amor da verdade histórica, que deve destilar e separar do precioso escrito o acidente heterogêneo, como a mosca impertinente que caiu na taça do primoroso vinho de Faraó.

O Dr. Ibiapina nunca justou casamento com D. Carolina Clarence de Alencar Araripe, filha mais velha do desventurado presidente da malfadada "República do Equador" Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Nunca, nos disse Ele mesmo em março de 1868, quando estava edificando a Casa da Caridade do Crato e conversávamos à sombra das mangueiras, sentados no aqueduto que ficava atrás do edifício, nunca me assoberbou tão estranho pensamento. É verdade porém que correu então o boato rumoroso e vago dessas núpcias, que me fazia o povo.

Amparavam o título colorado de seu fundamento no fato real da simpatia e da veneração que sempre consagrei a todos os infelizes que, como eu, foram filhos dos mártires de 1824 e 1825.

O combate de Santa Rosa, a defecção de José Felix e de outros, a traição de José Roberto, o assassinato de Tristão em outubro de 1824 e seis meses depois a execução de meu Pai pela Comissão de Sangue de Conrado de Niemeyer, o nefando homicídio de meu desventurado irmão Raymundo Alexandre, as vicissitudes e o infortúnio de minha vida me fizeram talvez dizer e proceder como a infeliz Rainha de Carthago[15]: "non ignara mali, miseris succurrere disco", mas creia-me, nunca houve nem ajuste, nem projeto desse casamento.

Ainda hoje o nosso povo não vive a fazer e a desfazer casamentos todos os dias? E assim foi também o que fizeram para mim: eis a verdade e, para que, concluiu ele, estou a dar-lhe esta explicação?

A explicação vem hoje, vinte anos depois[16], expungir da história a impropriedade do boato. É ao próprio Biógrafo que confiamos a honrosa tarefa da reparação e do restabelecimento da verdade.

---

[15] Dido, Elissa ou Alyssa foi, segundo a lenda, a primeira rainha de Cartago, com a vida marcada por tragédias e desventuras. A locução latina que lhe é atribuída significa "conhecendo por experiência própria a desventura, sei socorrer os infelizes" (Virgílio, Eneida, I, 630). São palavras de compaixão com que a rainha acolhe Eneias e os seus companheiros de exílio, depois de um naufrágio. Com esse verso o poeta Virgílio quer destacar que ninguém é mais sensível aos sofrimentos dos outros do que aquele que passou pelos mesmos ou semelhantes sofrimentos. Com esse verso, Ibiapina, de certa forma, procura explicar sua ação missionária e social junto aos desvalidos.

[16] São 20 anos, considerando o ano da revelação do Padre Ibiapina, 1868, e a data de publicação, tanto da obra de Paulino Nogueira como desse depoimento no jornal "Vanguarda", 1888.

Si der, como esperamos e bem o merece, segunda edição de seu precioso trabalho, estamos certo, não lhe escapará a depuração do pretenso ajuste de casamento, com que o povo, sempre fértil inventor de grandes novidades, acidentou e romantizou a vida do grande Apostolo.

Sua conversão foi obra do céu: sua vocação ao Sacerdócio foi vontade de Deus, como se vê das páginas 203 à 207 de sua biografia.

Nunca, portanto, a resolução que dezenove anos depois do casamento de D. Carolina C. de Alencar Araripe tomou Ibiapina de consagrar-se à Religião, podia ter sua origem na contrariedade imaginaria de que nos fala o ilustrado escritor[17].

É este talvez o único defeito de sua obra, mas, já o dissemos, não passa de um verdadeiro acidente heterogêneo, como a mosca impertinente na taça do primoroso vinho de Faraó".

Diferentemente do texto de Paulino Nogueira, esse escrito do "Vanguarda" deve ter sido visto por menos gente, talvez não indo além da sua cidade de origem. Nos tempos atuais, porém, com a facilidade de acesso a documentos digitalizados, certas descobertas se tornaram possível, dando oportunidade a muitos de ler matérias inusitadas. Ter encontrado esse texto é comparável à parábola do homem que descobriu um tesouro no campo ou a da mulher que encontrou a dracma ou moeda que estava perdida.

No artigo, não aparece o nome do autor, mas logo descobrimos que o "Vanguarda" foi fundado por José Joaquim Teles Marrocos, em 1887. Para quem não o conhece, em 1868, ano dessas revelações, Marrocos atuava no Crato e logo seria o vice-diretor do Internado do Coração de Maria, fundado pelo Padre Ibiapina, além de se tornar o redator do jornal "A Voz da Religião no Cariri", também fundado pelo Mestre no mesmo ano. Sem dúvida, Marrocos, grande amigo do missionário, é o autor do artigo "Padre Ibiapina".

O artigo do "Vanguarda" é de novembro de 1888. Logo no ano seguinte, 1889, acontecia o suposto milagre do Juazeiro, o das hóstias ensangüentadas, e José Joaquim Marrocos[18] se envolverá de corpo e alma nessa questão, na defesa do padre Cícero e da beata Maria de Araújo. O "assunto Ibiapina" deve ter se perdido em meio a outras preocupações e exigências mais graves e urgentes. Não conseguimos descobrir se Marrocos voltou a insistir nesse "velho assunto" em algum outro artigo de jornal.

[17] Ibiapina foi ordenado padre no dia 03 de julho de 1853, no Recife. Cf. Sadoc, p. 270: 19 anos e meio depois do casamento de Carolina Clarence com Antonio Sucupira.

[18] No Museu vivo da Serra do Horto, em Juazeiro, José Joaquim Teles Marrocos está de pé, em frente ao Padre Cícero, como para relembrar momentos em que os dois discutiam religião e política.

Tendo nascido no Crato, a 26 de novembro de 1842, José Marrocos estudou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, mas não foi ordenado padre. Ao longo dos anos atuou como professor e jornalista, tendo lutado intensamente no movimento abolicionista. Faleceu no Juazeiro, a 14 de agosto de 1910.

* * *

Sobre o estudo biográfico "Padre Ibiapina", publicado na RIC, não houve segunda edição e, portanto, não veio a lume a correção sugerida e desejada por Marrocos. Além do mais, sendo o "Vanguarda" um pequeno jornal com vida efêmera de uns 2 anos ou menos, talvez Paulino Nogueira nem tenha tomado conhecimento dessas revelações de Ibiapina. Mais tarde, outros autores também não. Ao menos, não temos conhecimento que alguém tenha feito referência a elas. Tanto pela reconhecida autoridade do Dr. Paulino Nogueira, como pelo pioneirismo de sua obra, à exceção de José Marrocos, pela força de sua amizade com Ibiapina e prática literária ou jornalística, dificilmente algum outro contestaria suas afirmações.

Por essas e outras razões que se possam imaginar, o fato é que prevaleceu para a história o "romance não correspondido" entre José Antonio Pereira Ibiapina e Carolina Clarence de Alencar Araripe. Segundo aquelas revelações de Ibiapina, publicadas por Marrocos 20 anos depois (1868/1888), tudo não passou de velho boato com mais de 50 anos: de 1833, ano do tal "noivado desfeito", para 1888, ano da publicação da RIC. Um boato com força de fato verídico pela autoridade de Paulino Nogueira, sacramentado em sua obra, copiado *ipsis litteris*, modificado ou ampliado ao gosto de muitos e diversos autores que lhe sucederam no tempo. Todos os que abordaram aquele "fato/boato" transpiram Paulino Nogueira como fonte primária e única.

No entanto, como o mundo dá voltas e só Deus é absoluto, quase 130 anos depois daquelas publicações, de 1888 para 2016, urge ser considerada a afirmação do Padre Ibiapina: **"*creia-me, nunca houve nem ajuste, nem projeto desse casamento*"**. Mesmo com tanto atraso, a correção é questão histórica de verdade e justiça para com Ibiapina, seus estudiosos, admiradores, devotos e até com a própria Carolina Clarence.

E agora? Não tendo existido o fato, aquela desventura, o que mais especular ou elucubrar a partir do que nunca existiu?!

Por tudo que Ibiapina conseguiu realizar em sua vida, nem fato, nem boato, com as interpretações das mais subjetivas, conseguiram empalidecer o brilho de sua ação civilizadora pelo interior de nossa região, de suas realizações pelo Nordeste brasileiro, em favor dos humildes, famintos, sedentos, doentes, órfãs, pobres e desvalidos. Sua solidariedade com os sofredores só aumentou ao longo do tempo. O boato, ou mesmo se tivesse sido fato, não passa de ínfimo detalhe que nada subtrai à grandeza extraordinária do nosso Padre Mestre.

Nunca será de mais lembrar o que escreveu o cronista do tempo, Irmão Aurélio, muito provavelmente, que o acompanhava colaborando na Missão: *"Quem poderá descrever todas as particularidades dos dons do coração do nosso Santo Apóstolo Ibiapina? Um coração angélico, puro, simples, casto, humilde, desinteressado, benfazejo e tão dedicado ao amor de Deus e do próximo, que era abrigo seguro da orfandade, remediador dos infelizes, consolador dos aflitos, enternecido das misérias humanas..."*[19].

Referências

"A Constituição", Fortaleza, 10.03.1864.

"A Liberdade", Fortaleza, 05.03.1864.

"A Cruz", Rio de Janeiro, 06.03.1864 e 01.05.1864.

"A Voz da Religião no Cariri", Crato, 16.10.1870.

"A Província", Recife, 15.02.1876 e 16.03.1876.

"O Diário de Pernambuco", Recife, 14.02.1876.

"O Cearense", Fortaleza, 25.03.1876.

"Vanguarda", Crato, 18.11.1888.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina, peregrino da Caridade*, São Paulo: Paulinas, 1996.

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *A Missão Ibiapina*, Passo Fundo: Berthier, 2008.

MARROCOS, José Joaquim Teles. *Padre Ibiapina*, jornal "VANGUARDA", Crato, ano II, n.39, 18/11/1888.

NOGUEIRA, Paulino. "Padre Ibiapina", RIC, 1888, pp. 157-220.

STUDART, Guilherme. Barão de. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense*, 1910.

[19] Carvalho, Ernando Luiz Teixeira de. **A Missão Ibiapina**. Passo Fundo: Berthier, 2008, p.42.